

Caboclo na cidade

Osvaldo Luís Barison,¹ São José do Rio Preto

Resumo: A partir de um caso clínico de um morador da zona rural que migra para o centro urbano, destaca-se a vivência de inadequação provocada pelo sentimento de desterro. Considera-se que os processos de identificação não se manifestam apenas com pessoas, mas também com o meio onde se convive. Estabelece uma correlação entre a relação idealizada que o paciente estabelecia com a “mãe terra” ao sentimento de exclusão característico da perda da ilusão edípica. Utilizando-se de uma “moda de viola”, investiga-se como a angústia gerada na perda da identidade provocou somatizações e sofrimento. A superação desse estado se deu com o desenvolvimento da capacidade de pensar e simbolizar, atribuindo significados psíquicos às vivências afetivas.

Palavras-chave: sentimentos de inadequação, desenraizamento, ilusão edípica, psicossomática, psoríase, identidade

I. José, Zezinho, Zezão

Caro leitor, permita-me narrar-lhe o “causo” de Zezão ou, como a família se referia a ele, Zezinho. No trabalho clínico, chamava-o por José; jeito que aceitava; porém pouco parecia lhe agradar.

Pode-se caracterizá-lo por um tipo “engraçado” e “estranho” no sentido de distanciar-se do modelo de pessoa comum e cidadina. Quando me procurou, era grande fazendeiro no centro-oeste do país. Entretanto nasceu em uma cidade vizinha a São José do Rio Preto – SP, cidade em que moro e trabalho. É o caçula de família empreendedora, sendo natural que os filhos – ao devido tempo – assumissem a administração das empresas, dando continuidade ao legado do pai. No entanto, quando José chegou à idade de se profissionalizar, concretizou a certeza de que a vida na cidade ou na empresa não era para ele.

Nunca fora bom aluno. Formou-se no segundo grau, com empenho da mãe e facilidades dos professores. Ingressar na vida universitária não lhe estava no horizonte de expectativas. Se, por um lado, trabalhar no escritório das empresas lhe era torturante, por outro, vida social, frequentar clubes, viajar ao exterior eram também inadmissíveis por ele. Assim, sofria muito e fazia um inferno ao redor. Brigava sempre, envolvendo-se em situações de risco à própria vida, causando problemas judiciais.

1 Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, SBPSP.

A família não suportava conviver com membro tão diferente e que causava tantas preocupações. Por sorte, adorava a vida no campo. Amava cavalos e era capaz de passar horas em torno deles. Assim, a família permitiu que se dedicasse à administração de uma grande propriedade rural no centro-oeste do país. No grupo de investimentos, tratava-se apenas de empreendimento paralelo; contudo José se mostrou competente à frente do negócio a ponto de a família incentivá-lo a lá permanecer, bem como passou a investir com maior afinho na propriedade. A bem da verdade, José suspeitava, o empenho se deu no sentido de mantê-lo afastado da cidade e dos problemas que causava.

Morando na fazenda, próximo a uma pequena cidade, José conheceu e se apaixonou pela professora da escola infantil do lugar. Casaram-se e tiveram um casal de filhos. Ele era respeitado, sendo continuamente presidente da festa do peão e da festa do padroeiro, algo bastante distintivo naquele ambiente interiorano. Só não entrou na política local, pois não tinha paciência para com os “desonestos”. Em verdade, relatava ser direito e enérgico com os filhos, com a esposa e com os empregados. No entanto, deixava transparecer que se soubessem levá-lo, tinham de tudo com ele. O mesmo acontecia com os amigos.

A vida na fazenda era de muita fartura, mesclando trabalho duro e bruto com churrascos, “cervejadas”, modas caipiras e diversão entre pescarias e jogos de truco. A esposa não se incomodava em receber os amigos de José e – como se referia – viviam num tipo de “passárgada”.

Entretanto, caro leitor, o período de bem-estar – em determinado momento – sofreu um profundo abalo. A esposa sempre vinha a São José do Rio Preto em visitas médicas e para trazer os filhos para visitarem avós, tios e primos. Quando atingiram a idade de cursarem o segundo grau, os problemas se intensificaram. A mãe desejava para eles as mesmas oportunidades que os primos da cidade usufruíam: frequentavam boas escolas, viajavam e tinham acesso a bens materiais de que os seus – por estarem distantes – não dispunham.

José, ao contrário, odiava ter que ir à cidade. Ia só em datas festivas e permanecia o mínimo possível. Embora soubesse das pretensões arrazoadas da esposa, mal suportava a ideia de sair da fazenda. Em concomitância, sabia não poder privar os filhos de terem um futuro melhor. Não houve como conciliar a situação: a esposa se mudou com os filhos para a cidade e José permaneceu na fazenda. Ameaçou terminar o casamento; falou que “iria arrumar outra”. A esposa, irredutível, manteve-se firme no propósito de viver na cidade com os filhos.

Diante da nova situação, José, em várias oportunidades, buscou o contato feminino, uma vez que – pela figura de próspero fazendeiro – era muito cobçado na cidade. Depois de festas e churrascos, geralmente, ficava com alguma moça para passar a noite na fazenda. No entanto narrou nunca ter conseguido acordar com outra pessoa ao lado. Na madrugada – mesmo bêbado ou cansado – levava a companheira para casa. Logo observou não adiantar, com tal atitude, substituir ou livrar-se da família, pois os amava demais para isso.

Estávamos ainda nos conhecendo quando narrou-me esses episódios, bem como a maneira como compreendeu a necessidade em não permitir que outra mulher acordasse junto dele. No íntimo, questionava-me sobre a adequação de assumir, em análise, personalidade tão “bruta”, “pouco simbólica”, oriunda de ambiente tão apartado do que se espera do mundo culto que gira em torno da psicanálise. Confesso que, ao ouvi-lo, percebi que ele havia me fisdado pela sensibilidade da percepção e resolvi investir na nossa relação.

II. Um estranho duplo

É curioso ter selecionado esse caso para apresentá-lo como relato científico. De certo modo, intriga-me a eleição que faço dos casos que desejo tornar público. Como mencionado, José pareceu-me um tipo muito estranho, ao passo que – agora acrescento – bem conhecido. Talvez por também ser nascido e criado em ambiente rural, vi nele certo reflexo de “duplo” que me permitiu entendimentos, compromissos e necessidade de compartilhamento. Assim, escrever sobre José – respeitadas as respectivas diferenças – é também refletir sobre mim, bem como sobre a evolução de minhas origens até os dias de hoje.

A estranheza que a figura José suscitava em mim, bem como certa sensação de “duplo”, remeteu-me ao texto freudiano de “O ‘Estranho’” (1919/1996). Freud afirma que a sensação de um *duplo*

é marcada pelo fato de que o sujeito identifica-se com outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida sobre quem é o seu eu (*self*), ou substitui o seu próprio eu (*self*) por um estranho. Em outras palavras, há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu (*self*). (Freud, 1919/1996, p. 252)

Quanto à estranheza que José suscitava em mim no início do trabalho, recorro-me novamente ao Freud ao afirmar que determinadas experiências nos causam certas angústias que aparentemente não compreendemos, como “a do estranho ser essa variedade do assustador que se liga às coisas conhecidas há muito, desde sempre familiares” (Freud, 1919/1996, p. 238). Principalmente, ao se considerar o complemento:

é essa, na verdade, a natureza secreta do estranho, pode-se compreender por que o uso linguístico estendeu das *Heimliche* [*homely* (doméstico, familiar)] para seu oposto, das *Unheimliche* ... ; pois esse estranho não é nada novo ou alheio, porém algo familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo da repressão. (Freud, 1919/1996, p. 258)

III. O fazer e a identidade

Enquanto nos conhecíamos, José me relatou que, após as percepções de que não seria capaz de se separar da família, resolveu organizar a fazenda em outras bases, ou seja, arrendou grande parte da propriedade para o plantio de cana-de-açúcar, deixou pouco gado e alguns cavalos e – contrariando as próprias expectativas – retornou para Rio Preto. Nos primeiros tempos, pela situação, buscou se harmonizar com a novidade: acompanhava os irmãos em bares e festividades e buscou refazer as amizades da juventude. Entretanto nada se concretizava a contento. Tentou participar do conselho de administração da empresa, então grande potência, com sede já instalada em São José do Rio Preto. Logo, mais uma vez, percebeu que o ofício não era para ele. Havia números, conversas em código, horas e horas em reuniões em ambientes fechados; situações que não suportava. Com o tempo, passou a beber e a envolver-se em novas e velhas situações já experimentadas no passado, tais como brigas, perturbações de ordem pública, acidentes de trânsito e a destratar, cotidianamente, a mãe, a esposa e os filhos.

Súbito, começou a escamar a pele do rosto, manifestada por uma psoríase que nada conseguia deter. Relatou que o rosto avermelhava e expunha pele esbranquiçada misturada com desagradável marejar de líquido indesejado. O aparecimento da somatização fizera com que José se recolhesse ainda mais do convívio social e cidadão, ampliando-lhe o estado de reclusão. Em certa oportunidade, a esmo, deslocou-se até uma localidade próxima a Rio Preto; entrou em um bar e se embriagou. No retorno, devido ao estado em que se encontrava, entrou em um motel de beira de estrada. Acordou tempos depois em prantos. Relatou que, em completo desespero, ligou para o pai pedindo que fosse buscá-lo. O pai, imaginando uma nova “arte” do filho, chegou raivoso até ele. Ao ver-lhe o estado – entre desesperado e infantilizado –, compreendeu que o filho carecia de assistência profissional. Foi assim que José, acompanhado pelo pai – tal qual crianças e adolescentes – chegou ao meu consultório.

O pai apresentou-o como Zezinho. Tive uma forte empatia para com a figura dele. Contudo estranhei o fato de um homem de tais proporções – grandalhão de um metro e noventa, mais de cem quilos, forte, camisa branca engomada e arregaçada nas mangas, calça jeans com cinturão de fivela enorme e botinas nos pés, sorriso ingênuo, quase infantil e postura sólida – ser denominado no diminutivo. No entanto aguardei.

A verdade era que José estava sofrendo muito. Relatou que a vida na cidade não era para ele. Porém, paradoxalmente, sentia-se aprisionado, sem alternativas, achando que era assim que tinha de ser. Ou seja, sofria um grande desconforto de não poder viver longe da família e a certeza de não se adaptar ao universo urbano.

Embora muito angustiado, eu o percebia muito disponível para o trabalho de análise. Ele achava o máximo ter alguém com quem compartilhar as peripécias que fez na vida; no meu entender, muitas e bem divertidas. De fato, pelos relatos, pode-se afirmar ter sido mesmo “muito arteiro”. José apreciava que eu risse dos “causos” que, espontaneamente, narrava. Podíamos falar de afetos muito pesados e, ao mesmo tempo, rirmos das lembranças dele. Penso que a intenção era a de me fazer compreender que ele tinha valor, que era alguém para além daquele ser perdido, escamando como cobra.

Trabalhávamos a ideia de que José já havia sentido a sensação de inadequação e não pertencimento tanto ao lugar quanto à própria família. Isso se deu na juventude, quando não se adaptava às vidas escolar e social. Tinha consigo que a mãe não o suportava, sempre privilegiando os três irmãos mais velhos, pois – por corresponderem às expectativas – não davam trabalho. Sabia que muito das brigas e, por consequência, preocupações que causava aos pais eram ações que visavam despertar alguma atenção, na época dispensada – prioritariamente – à empresa. Por isso, nutria grande mágoa de todos, repercutida claramente pela alteração na voz, em toda oportunidade que se referia à família de origem.

Dizíamos que parecia que não havia “encaixado” com a mãe, com a família e com a cidade. O fato é que José só se sentiu pertencendo a um lugar quando organizou a fazenda. Falávamos da própria exigência e da sensação de que as coisas só teriam valor caso fossem realizadas por ele. Assim íamos nos conhecendo e ganhando intimidade.

Em termos teóricos, eu me orientava com a noção fundamental da teoria edípica. Tanto em leituras freudianas sobre a sexualidade como pela releitura bioniana do referido mito, ao devotar mais atenção ao conhecimento e à arrogância. Observava que José revivia – na quebra da condição paradisíaca com a fazenda – a perda e exclusão que experimentou quando da ruptura com a mãe. Era impressionante o quanto era magoado com ela. Havia permanecido algo não resolvido na relação inicial entre José e a mãe, bem como na vivência da inclusão castradora do pai.

Segundo Freud: “Todo ser humano encontra ante si o trabalho de dominar o complexo de Édipo, e se não o faz, sucumbirá à neurose” (1905/s.d., p. 1227). Baseado em ideias desse tipo é que pude mostrar-lhe que não suportava a exclusão, assim como se sentir em situações em que a ação não estava nas mãos dele. Percebia a manifestação de aspectos invejosos em relação à mãe, nos moldes descritos por Klein, em que a capacidade amorosa e cuidadora são atacadas por não pertencerem a ele.

De meu lado, mencionava que havia realizado com a mãe-terra aspectos de vivências que não pôde experimentar com a própria mãe. Ele prontamente concordava com essas ideias ao afirmar que gostava mais da fazenda do que da

mãe. Percebia o fato, pois na fazenda era José quem determinava a ordem das coisas; deste modo, vivenciava ser amado e protegido.

Comentava com José que estar em uma situação ou lugar onde ele não determinava a realidade produzia um grande sentimento de impotência e ignorância. A isso reagia com arrogância e estupidez, punindo a todos que haviam feito com que ele sentisse afetos tão aversivos.

Conversávamos sobre o “romance familiar” que ele ouvia desde pequeno de que a mãe não havia gostado de, no quarto e último filho, ter nascido novamente um homem. Ela tinha a expectativa de ter uma filha mulher para fazer-lhe companhia. Essa experiência não gerou perturbação na identidade de gênero para José, porém deixou uma marca forte na sensação de continuidade de seu ser.

José havia criado um padrão de ser-no-mundo em que através do fazer podia se sentir sendo e pertencendo. É como se a identidade dele não estivesse garantida para si como alguém que se sabe e que sabe do que gosta e é. Utilizando das teorizações de Winnicott, pude supor que ele não havia experimentado o *elemento feminino puro* para construir em si a noção de identidade. Em sendo assim, tinha no *elemento masculino puro*, através do fazer, o instrumental primordial para sua sensação de pertencimento. Ainda mais que o tipo de fazer característico de José era algo referido como sendo do universo másculo, até embrutecido. Ao se perceber sem a potência do fazer, pois a cidade havia apeado essa condição, José perdeu a própria identidade.

Winnicott se refere assim a esse fenômeno: por complexa que se torne a psicologia do sentimento do eu (*self*) e do estabelecimento de uma identidade, à medida que o bebê cresce, nenhum sentimento de eu (*self*) surge, exceto na base desse relacionamento no sentimento de SER. Este último é algo que precede a ideia de estar-em-união-com, porque ainda não houve nada mais, exceto identidade. Duas pessoas separadas podem *sentir-se* em união, mas aqui, nessa área que examino, o bebê e o objeto *são* um. O termo identificação primária talvez tenha sido usado para designar exatamente isto que descrevo, além de tentar demonstrar quão vitalmente importante é essa primeira experiência para o início de todas as experiências subsequentes de identificação (Winnicott, 1975, p. 95).

IV. A interpretação é a moda

Através de um fragmento de sessão, vejamos como era nossa relação e do que falávamos por aquela época.

Certa sessão, depois de se deitar e fazer algum silêncio, perguntou-me se eu sabia fazer lombo com damasco. Fiquei em silêncio. José retorna e me questiona se eu sabia quanto fora o resultado do jogo Barcelona e Atlético de Bilbao. Pensando se tratar de alguma “pegadinha”, ou algo similar, argumentei

que ele tinha algumas dúvidas e desejava saber se eu poderia responder o que lhe incomodava. Enquanto falava – “menos doutor, menos, desce do toco” –, José sinalizava com a mão ao lado do divã, dando a entender – pelo gesto – o que tomava por “menos”. Disse ser algo simples por referir-se apenas às duas atividades que, em plena terça-feira, havia realizado; quer dizer, pela manhã, assistido ao programa da Ana Maria Braga e, depois, ao jogo do campeonato espanhol. Disse-me isso e se pôs a chorar: “Como pode um homem do meu tamanho ficar um dia inteiro no sofá? O que eu vou fazer da minha vida? Até sair durante o dia o médico me proibiu. Eu que sempre amei o sol não posso mais nem andar de carro durante o dia. É o fim”.

Enquanto aguardava que se acalmasse, observei em meu diálogo interno já termos estabelecido uma relação de boa intimidade. Isso me permitiu pegar algumas anotações e dizer-lhe que desejava que ouvisse a letra de certa moda de viola. Comecei a declamá-la e, repentinamente, José saltou do divã. Disse conhecê-la e propôs que cantássemos juntos: ele faria a primeira e eu a segunda voz. Aproximou-se da minha poltrona para lermos juntos e iniciamos nosso dueto. Foi divertido, porém desafinado. Ao final, José fez o cumprimento adolescente de bater a mão e dizer *yes*.

Eis a canção:

Caboclo na cidade

Dino Franco e Mourai

(Moda de viola)

Seu moço eu já fui roceiro
 No triângulo mineiro
 Onde eu tinha o meu ranchinho
 Eu tinha uma vida boa
 Com a Izabel, minha patroa,
 E quatro barrigudinhos
 Eu tinha dois bois carreiros
 Muito porco no chiqueiro
 E um cavalo bom arreado
 Espingarda cartucheira
 Quatorze vacas leiteiras
 E um arrozal no banhado

Na cidade eu só ia
 Cada quinze ou vinte dias
 Pra vender queijo na feira
 E do mais estava folgado
 Todo dia era feriado

Pescava a semana inteira
Muita gente assim me diz
Que não tem mesmo raiz
Esta tal felicidade
Então aconteceu isso
Resolvi vender o sítio
E vir morar na cidade

Já faz mais de doze anos
Que eu aqui já estou morando
Como eu estou arrependido
Aqui tudo é diferente
Não me dou com essa gente
Vivo muito aborrecido
Não ganho nem pra comer
Já não sei o que fazer
Estou ficando quase louco
É só luxo e vaidade
Penso até que a cidade
Não é lugar de caboclo

Minha filha Sebastiana
Que sempre foi tão bacana
Me dá pena da coitada
Namorou um cabeludo
Que dizia ter de tudo
Mais foi ver não tinha nada
Se mandou pra outras bandas
Ninguém sabe onde ele anda
E a filha tá abandonada
Como dói meu coração
Ver a sua situação
Nem solteira e nem casada

Até mesmo minha veia
Já está mudando de ideia
Tem que ver como passeia
Vai tomar banho de praia
Está usando minissaia

E arrancando a sobrancelha
 Nem comigo se incomoda
 Quer saber de andar na moda
 Com as unhas toda vermelha
 Depois que ficou madura
 Começou a usar pintura
 Credo em cruz que coisa feia

Voltar pra Minas Gerais
 Sei que agora não dá mais
 Acabou o meu dinheiro
 Que saudade da palhoça
 Eu sonho com a minha roça
 No triângulo mineiro
 Nem sei como se deu isso
 Quando eu vendi o sítio
 Pra vir morar na cidade
 Seu moço naquele dia
 Eu vendi minha família
 E a minha felicidade

V. Desterro

Nesta moda de viola, o gênio do artista identifica e representa sentimentos e novas concepções da realidade de indivíduos que deixaram a condição de moradores da zona rural e migraram na expectativa de uma vida melhor nos centros urbanos do país. Observa-se, entretanto, que mais do que o personagem cantador, nesta moda a cultura fala. Assim, ganha empatia com a audiência, intensificando questões presentes no imaginário de populações desterradas. Ou seja, ilustra pelo verbo algo que muitos vivenciam com a “nova” condição de cidadãos.

O professor Antonio Candido, em *Literatura e Sociedade* (1987), se utiliza do conceito utopia transfiguradora para se referir à condição humana de modificar o passado e revesti-lo de características ideais. O que se observa é que – mesmo não tendo sido assim – o sentimento que permeia os tempos rurais é de grande integração com a natureza e com a respectiva realidade, dando a entender algo favorável, integrado, paradisíaco e feliz.

Acredito que o que aconteceu com meu paciente também ocorreu com muitos moradores da zona rural de nosso país. Em determinado período da

história nacional,² em virtude de crises nos modos de produção da agricultura e da pecuária,³ houve um aumento considerável do êxodo rural. Deste modo, muitas pessoas deixaram as franjas da mata e a economia de subsistência no campo para viverem nas franjas das cidades. Em termos de adaptação cultural, a drástica mudança promoveu consequências de não fácil assimilação. O fato se consuma, pois nem as cidades estavam preparadas para receber tamanho afluxo nem esse contingente amoldado para a vida na cidade. Na verdade – em sua maioria – foram pessoas que se sentiram expulsas de suas terras em função da crise dos modos de produção rural.

Assim, o processo de assimilação e adaptação frente à cultura diversa constituiu-se marcado por estranhamentos, sentimentos de desintegração e fortes saudades da terra natal. Não podemos deixar de colocar em relevo que os investimentos que moldam nossa identidade não são somente em pessoas parentais. O local em que se vive, as especificidades do meio e a própria natureza viva e pulsante com seus fenômenos determinam diversas características em nossa personalidade.

Os sentimentos de “enraizamento” ou de “desenraizamento” destacam-se como instâncias geradoras de tranquilidade ou padecimento; constância ou desespero; sensação de pertencimento ou de perda da identidade e consequente nostalgia.

Por um lado, segundo pensamento de Simone Weil:

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, isto é, que vem automaticamente do lugar, do nascimento, da profissão, do ambiente. (Weil, 1943/1979, p. 347)

Por outro lado:

O desenraizamento é, evidentemente, a mais perigosa doença das sociedades humanas, porque se multiplica a si própria. Seres realmente desenraizados só têm

- 2 Apesar de ser recente o que aconteceu com José, temos que nos lembrar que o Brasil passou pelo maior processo migratório da história da humanidade. Para se ter uma ideia, em apenas quarenta anos, de 1940 a 1980, invertemos a concentração populacional de 31,2% urbana e 68,8% rural para 67% de moradores nas cidades e 33% na zona rural (Anuário Estatístico do Brasil, IBGE, 1982).
- 3 Recentemente, com o incremento do álcool combustível, uma nova e radical mudança vem ocorrendo na produção rural. Muitas propriedades foram arrendadas pelas usinas de cana, as quais imprimiram uma nova realidade, eliminando a figura do fazendeiro e profissionalizando o trabalho, dando a ele aspectos de indústria.

dois comportamentos possíveis: ou caem numa inércia de alma quase equivalente à morte, como a maioria dos escravos no tempo do Império Romano, ou se lançam numa atividade que tende sempre a desenraizar, muitas vezes por métodos violentíssimos, os que ainda não estejam desenraizados ou que o estejam só em parte. (Wiel, 1943/1979, p. 349)

Assim sendo, de modo geral, o caipira, o caboclo ou mesmo o fazendeiro – tanto quanto vivenciara José, em caso presente – estabeleciam relação umbilical com a terra. Sentiam-se parte e complemento dela. Nesse sentido, sentimentos de perda repercutem no novo ambiente, pois o anterior se constituía em universo e objeto de investimento libidinal, com o desenvolvimento de conhecimentos e prazeres. Assim, a natureza e o ritmo da vida marcados pelos ciclos agrícolas entre plantar e colher; as temporadas de monta e venda de gado, eram instâncias que conferiam e determinavam a concretização “eufórica” da realidade e da *visão de mundo*.

O que se evidencia no tocante ao discurso de “Caboclo na cidade” é que a integração espontânea e lúdica com a realidade culmina por sucumbir ao se romper o vínculo com a terra natal, forçados que foram em deixar o meio rural.

A perda da integração com a terra sugere o entendimento de uma derivação da exclusão edípica. Metaforicamente, pode-se dizer que a integração com a mãe-terra se rompeu pela interferência paterna representada pelo progresso no caso dos caipiras, e – em particular – por circunstâncias da realidade, tais quais ocorridas no caso de José. Assim o sentimento de perda, exclusão e sofrimento experimentado pelo desterrado fora do ambiente natural pode ser entendido como reviver a perda do amor da mãe. Desta maneira, tudo aquilo que representa o progresso e a cidade assume papel de rival vitorioso que impôs a derrota e a castração através do desterro. A cidade é, portanto, objeto de ataques e ódio.

Dialogamos muito acerca do sentimento que José mantinha em relação à perda da condição idealizada no ambiente que dominava. Passou a me trazer outros textos que tratavam do mesmo tema.⁴ Deste modo, pude mostrar que o que lhe ocorrera não era novo em nossa espécie.

Esse entendimento lhe proporcionou grande alívio, vez que se identificou com categoria de pessoas que não se identificam com o lugar em que vivem; o que – de certo modo – estabelece e concretiza um senso de pertencimento. Ou seja, José estabeleceu uma identidade com os sem identificação.

VI. Construindo símbolos

Ter acesso a esse tipo de pensamento fazia grande sentido para ele; de modo que – apesar de ser pessoa embrutecida pela profissão e pouco

4 Tal qual “Reino encantado” de Valdemar dos Reis, “Por ser de lá” de Gilberto Gil etc.

desenvolvida nos moldes da cultura urbana – encantava-se com essa outra maneira de interpretar e compreender a realidade. Percebia os laços simbólicos contidos em minhas falas e corroborava as descobertas. Gostou de saber que a doença na pele poderia ter razões radicadas na própria afetividade, e que a explicação formulada mostrava-se coerente e muito provável.

Cabe ressaltar que eu procurava tornar minha linguagem um tanto concreta nas aproximações iniciais relativas a algum assunto ou questão, para, só depois, desenvolver uma linguagem mais figurativa e abstrata. Deste modo, José percebia meu esforço em não me colocar distante do mundo concreto em que ele vivia; sucesso que – a cada novo encontro – permitia maior aproximação e confiança e consequente liberdade para associar.

Para tanto, valia-me de expressões como: “está na cara que você está infeliz”, associando com a condição desagradável da escamação do rosto. Usava também a ideia de “estar vazando algo que ele precisava enxugar; porém, não sabia bem o que era”. Dizia isso para aludir ao líquido que lhe brotava do rosto, tal qual certo conteúdo que não tinha continente suficiente e que vazava por sobre as bordas. Ou então: “você está à flor da pele”, referindo ao estado extremo de afetividade em que vivia.

VII. Tecendo mudanças

Durante o processo de análise, José conheceu um grupo de jovens que lavava gado em provas de rodeio. Começou a acompanhá-los nos treinos e – pelo conhecimento e experiência no trato com animais – alcançou lugar distintivo na nova turma.

Transcrevo um fragmento de sessão que gerou certa transformação na vida de meu analisando.

José chegou para a sessão com a bota suja de estrume de gado. Constrangido em se deitar nessas condições, retirou a bota e colocou-a junto ao pé do divã. Não ficou confortável por imaginar que eu o veria de forma desfavorável e também temia por um possível odor nos pés. Disse a José que aquele era o perfeito retrato do que lhe acontecia; ou seja, sentia-se obrigado a “retirar a bota”, assumir outra identidade, e isso causava dúvidas e sensação de inadequação. José fixou os olhos na bota ao pé do divã; atitude que – acredito – por intermédio da concretude da cena o ajudou a materializar com maior clareza o que eu acabara de lhe sinalizar. Fez longo silêncio e – ao final – disse me entender. De fato, percebia não aceitar ter que se modificar. *Não sei mais quem eu sou, do que gosto, como devo ser, como proceder com as coisas e com as pessoas...* Havia tristeza na voz, mas também calma e conforto por realmente interiorizar o que lhe ocorrera. Havíamos falado disso por inúmeras vezes, entretanto só naquele momento encontrou-se pronto para realizar – em níveis

mais fundamentais – a percepção do mal que lhe acometera. Vivia em desterro, desenraizado, sem identidade, odiando o lugar onde vivia e sem disponibilidade para a nova adaptação.

Na sequência, questionou-me se era “aquilo” que teria que, de algum modo, acomodar, ou seja, aprender a viver na cidade e ser infeliz. Respondi que se ele acreditava não poder viver na fazenda sem a família, parecia que teria que viver na cidade. Contudo isso não implicava não exercer alguma atividade, não ser e nem se sentir produtivo e integrado, podendo até ser feliz no novo ambiente. Confessou saber que a permanência nessas condições – para além das complicações de saúde que experimentava – o conduziriam para a morte. Retruquei com a assertiva de que, por si só, a infelicidade já era uma grande doença. Perguntou-me se não teria outra saída, algo conciliatório. Continuamos construindo e chegamos à conclusão de que ele poderia comprar um pequeno sítio nas proximidades de Rio Preto e frequentar o lugar quando se sentisse angustiado; não como fuga, mas, sim, como uma opção.

Foi o que José fez. Comprou um pequeno sítio, montou uma pista de laço e a ofereceu aos amigos para treinamento. Trouxe os próprios cavalos da fazenda do centro-oeste, além do peão ao qual era mais afeiçoado. Algumas vacas de leite e muita fruta. Criou uma grande horta e passou a fornecer verduras, frutas, leite e queijos para toda a família. Após treinar por dias nas nossas sessões, teve uma dura conversa com os irmãos e o pai. José levou-os ao sítio e disse que todos sabiam que ele não tinha condições de trabalhar no grupo; que não era vagabundo, porém aquele não era o mundo dele. Pediu para que tivessem paciência e o deixassem no sítio. No entanto, asseverou que se algum dia desconfiasse de que os irmãos estivessem – de algum modo – ludibriando a ele, à esposa e aos filhos, os mataria. Os irmãos sabiam que José assim procederia. Deste modo, e definitivamente, resolveram o acordo societário.

Todos os dias José dormia no apartamento da cidade, fazia análise, algumas compras e voltava para o sítio. Entretanto, por ser competente naquele fazer, acabou por transformar o local em um novo paraíso, denominando-o “Reino Encantado”. A família, que há muito estava separada por desavenças entre os irmãos e cunhadas, começou a frequentar os churrascos domingueiros. Filhos e sobrinhos passaram a pernoitar no sítio nos finais de semana e a levar os amigos para desfrutarem daquele reino, cheio de farturas e da companhia do tio, divertido e diferente. Passou a liderar a família e dispôs, sobre a churrasqueira, uma placa com os dizeres: “Aqui não se fala de trabalho”, enunciado respeitado por todos.

VIII. Para finalizar

Um dia encontro o pai de José em um clube recreativo. Agradeceu-me e disse nunca ter aceitado aquele filho; que dava graças por ele viver na fazenda,

distante da cidade, e não dar trabalho para todos. Entretanto agora podia compreender que o filho era o máximo, apenas diferente do que esperavam. Confidenciou-me o pai que durante a semana esperava ansiosamente pelo fim de semana para, no domingo, reunir a família no sítio – instância que não havia conseguido juntar mesmo com todo poder e dinheiro. Durante a semana, quando se sentia triste ou sobrecarregado, ligava para “Zezão” perguntando a ele se podia ir, ao final da tarde, caminhar com ele pela propriedade. Dizia serem os melhores momentos na semana. Passara a pedir conselhos ao filho e se divertir com o jeito matuto, limpo e direto como José vê o mundo. Apenas comento se havia percebido que se referira ao filho como “Zezão” e não Zezinho. O pai, pensativo, num suspiro de entendimento, passou a menear a cabeça afirmativamente.

Agora que estamos para terminar este “causo”, talvez você – querido e atento leitor – possa se decidir em como chamar meu paciente. No entanto, permita-me ainda dar mais um dado. Vejamos mais um fragmento de sessão que abriu o campo para o término de nosso relacionamento, isso em virtude do objetivo pelo qual fui procurado e que me dispus a realizar.

Em um dos últimos encontros, menciono que o novo tratamento para a pele estava dando resultado. *Tratamento?*, retruca. *Há mais de mês que não passo nenhum creme no rosto. Eu estou é feliz, animado. Minha família não me chama mais de Zezinho, pelo contrário, agora eles conheceram e sabem que eu sou “Zezão”.*

Un mestizo en la ciudad

Resumen: A partir de un caso clínico que describe un habitante rural que migra a un núcleo urbano, se destaca la vivencia de inadecuación causada por el sentimiento de destierro. Se considera que los procesos de identificación no se manifiestan sólo con las personas, sino también con el entorno donde se vive. El autor establece una correlación entre la relación idealizada que el paciente tenía con la “madre tierra” y el sentimiento de exclusión característico de la pérdida de la ilusión edípica. Usando “canciones folklóricas” se investigó cómo la angustia generada por la pérdida de identidad había provocado somatizaciones y sufrimiento. La superación de esta situación fue posible gracias al desarrollo de la capacidad de pensar y simbolizar, pudiendo asignar significados psíquicos a las experiencias afectivas.

Palabras clave: sentimientos de inadecuación, desenraizamiento, ilusión edípica, psicossomática, psoriasis, identidad

Caboclo in the city

Abstract: From the clinical case of a rural inhabitant that migrates to an urban centre, we highlight the experience of inadequacy caused by the feeling of exile. It is considered that the identification processes do not manifest only with people but also with the environment where one lives. A correlation is established between the idealised relationship the patient had with their “motherland” with the feeling of exclusion, characteristic of the loss of oedipal illusion. Using “country songs”, we’ve tried to investigate how the anxiety generated by the loss of identity caused somatisation and suffering. Overcoming this state occurred with the development of the ability to think and symbolise, assigning psychic meanings to affective experiences.

Keywords: feelings of inadequacy, alienation, oedipal illusion, psychosomatic, psoriasis, identity

Referências

- Barison, O. L. (1994). *Moda caipira: cantador, universo, mediações e participação emotiva*. Dissertação de mestrado orientada pelo prof. dr. Romildo Sant’Anna, apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras no IBILCE-UNESP.
- Candido, A. (1987). *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades.
- Durham, E. (1984). *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Perspectiva.
- Freud, S. (s/d). Tres ensayos para una teoria sexual. In S. Freud, *Obras completas* (L. López-Ballester y de Torres, trad., 3ª ed.). Madri: Nueva. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1996). O “Estranho”. In S. Freud, *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. XVII, pp. 234-273). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Sant’Anna, R. (2000). *A moda é viola: ensaio do cantar caipira*. São Paulo: Arte & Ciência; Marília, SP: Unimar.
- Weil, S. (1979). A condição operária e outros estudos sobre a opressão (T. G. G. Langlada, trad.; E. Bosi, seleção e apresentação). Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1943)
- Winnicott, D. W. (1975). A criatividade e suas origens. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (J. O. de A. Abreu e V. Nobre, trans.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1966)

Osvaldo Luís Barison
osvaldobarison@gmail.com

Recebido em: 22/8/2013
Aceito em: 17/12/2013